



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

Tempos Modernos

(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

Ruy Villaça Liduário

Tempos Modernos

Ruy Villaça Liduário

Aos poucos, ocupávamos o auditório para participar da escolha da arma, quadro e serviço daquele ano, na academia militar.

– Cadete, estamos perto de uma das escolhas mais importantes da carreira profissional de vocês. É para toda a vida – dizia um dos instrutores que estava encarregado de conduzir o evento, reforçando a importância daquela cerimônia, a qual iria definir o curso que nós, cadetes do 2º ano, faríamos pelo restante de nossa formação naquela Academia, determinando uma série de aspectos do futuro da nossa carreira das armas.

Alguns companheiros pareciam já estar bem à vontade com a escolha feita, o que me provocava até certa inveja. Eu, que não tinha certeza nem do que iria comer no almoço, certamente não estava seguro com uma escolha para a vida inteira. Nós recém havíamos terminado o 1º ano da academia, e ainda me lembrava com facilidade do ano anterior a esse, ao término da Escola Preparatória, onde eu e outros companheiros ainda experimentávamos a sensação de ser um peixe fora d'água.

Naquela altura, prontos para se apresentar na Academia, já sabíamos preparar nosso uniforme, engraxar nossos coturnos, entrar em forma e marchar. Já havíamos realizado nossos primeiros tiros de pistola e de fuzil, nosso primeiro acampamento, a primeira marcha e todas essas coisas que os militares fazem. Mas a Academia Militar parecia nos exigir algo a mais.

Tudo na Academia Militar era grandioso e me impressionava. Dizem que seu Portão Monumental faz referência às colunas de Hércules, representando o esforço a despendido por aqueles que se aventuram na carreira das Armas. Sua entrada principal é exageradamente longa, pois entre o Portão Monumental e o Conjunto Principal há somente uma grande avenida, com um imenso campo gramado de cada lado, o campo de Marte, deus romano da guerra. Cruzar aquele espaço a pé levava tempo demais, o que

reforçava a sensação de separação entre esses dois mundos, o civil e o militar, esse último ainda muito pouco conhecido.

Os corredores e os salões da Academia eram enormes, pavimentados de mármore, exibindo colunas e vitrais dignas do Olimpo, lar dos deuses gregos. A Academia parecia ter sido erguida na Antiguidade, desde sempre, para durar indefinidamente, imutável. Essa era a atmosfera em que os cadetes aprendiam a cultivar seus valores: verdade, lealdade, probidade e responsabilidade.

Mas tal estrutura em mármore e concreto, por si só, não move nem constrói nada. É o pano de fundo da obra propriamente dita, realizada diuturnamente pelos instrutores da Academia, encarregados de conduzir a formação dos seus cadetes.

– Esse pessoal não parece gente normal! – eu comentava, quando era recém-chegado naquele ambiente, pois me impressionava a postura, o rigor do trato e a aparente antipatia dos nossos instrutores.

Aqueles homens eram diferentes dos professores com os quais estava acostumado. Falavam sempre de valores éticos, da moral e das virtudes pessoais. Usavam palavras difíceis, expressões que pareciam ser antigas. Alguns avisos pareciam ser feitos em códigos, com jargões próprios do cotidiano militar, ou já em desuso nos tempos modernos. Uma linguagem que demorei a entender.

– Amigo, fica tranquilo, muitos antes já passaram por aqui... não é coisa de outro mundo – dizia confiante meu amigo, filho de militar, já conhecedor de boa parte dessa linguagem diferente. Ele parecia não sofrer das mesmas incertezas que inquietavam o meu coração. E realmente, ao poucos, eu fui me desfazendo dessas percepções, a partir do momento em que tantas palavras novas passaram a fazer parte da minha rotina, transformando a maneira como eu me via e como via o mundo. Era o mesmo mundo, porém mais rico de significados e possibilidades.

Também havia na Academia outro personagem em posição intermediária entre nós e os instrutores, os cadetes mais antigos. Ninguém melhor do que eles para nos ensinar sobre aquele lugar, seu léxico, e sobre as nossas próprias potencialidades. Na verdade, a sensação que tínhamos é de que o instrutor não pertencia mais àquele lugar. O cadete mais antigo, sim, era como nós poderíamos ser de fato, muito em breve. Ele não precisava dizer muito: ele demonstrava. Seu exemplo suscitava até mais do que éramos capazes de

perceber em um determinado momento, permanecendo no subconsciente, influenciando o julgamento que fazíamos de nós mesmos e as expectativas que tínhamos dos próximos desafios da formação profissional.

E então chegamos até aqui, momento de decisão. Tudo o que vivemos, ouvimos e vimos desde os primeiros dias de formação convergia para esse momento. Os cadetes mais antigos fizeram toda a propaganda que podiam, defendendo seus cursos como sendo os melhores. A verdade é que todos querem que os melhores se juntem à sua equipe. Todos esperam que cada um de nós faça essa escolha com o coração, resultado de uma identificação com as características de cada atividade, dentro da antiguidade da turma.

Mas nossa turma pensava um pouco diferente.

Nós sabíamos que a meritocracia fazia parte desse sistema. Como alguns costumam dizer, era a ferramenta que servia para se dizer quem era o primeiro e quem era o último. Dessa forma, todos eram estimulados para que cada um fizesse o seu melhor. Mas o melhor cadete seria realmente o primeiro? Seria o último cadete realmente o pior? E em quê? Saber fazer provas é realmente a capacidade mais relevante para determinar o valor de um profissional? Fazíamos essas perguntas ao final de cada prova, enquanto nos deslocávamos pelos corredores, durante as refeições e principalmente nos tempos livres, em que os debates podiam se alongar um pouco mais. Estava claro para a turma de que o sistema não era perfeito, como é natural ocorrer com toda obra humana.

Havia quase uma injustiça na maneira como o processo era conduzido, uma vez que a meritocracia só levava em consideração os resultados de provas, ignorando de maneira significativa os aspectos subjetivos que nos constituíam como indivíduos únicos. Mas sempre que chegávamos a esse momento do debate, lembrávamos que tínhamos outro problema ainda maior. Nós somos realmente capazes de entender os inúmeros aspectos subjetivos que nos constituem? Seríamos capazes de nos avaliar? Seríamos nós mesmos capazes de analisar nossas próprias características e potencialidades, comparando-as com o perfil de cada curso que estivesse disponível para escolhermos?

Como se não bastasse, além dos questionamentos anteriores, os debates da turma ainda geraram uma última e decisiva pergunta: a capacidade de autoanálise individual, dentro da meritocracia, teria condições de proporcionar a melhor gestão de pessoal possível, de maneira a distribuir os integrantes da nossa turma dentro de cada curso de maneira justa e com equidade, considerando nossas características, vocação, capacidade

de trabalho e tantos outros aspectos que certamente teriam impacto no nosso desempenho profissional, nas diferentes funções de combate das quais iremos participar após a formação?

Esse último questionamento foi debatido com entusiasmo, com referências ao interesse público e à necessidade de termos bons profissionais em todos os cursos, o que resultaria em um ganho em todas as funções de combate no futuro, eficiência da Força Terrestre como um todo e muitas outras questões filosóficas nas quais não prestei mais atenção. No meu íntimo, esse último questionamento extrapolava nossa esfera de decisão. Na minha opinião, a essa altura da carreira, nos cabia decidir nossa vida, não a Estratégia de Defesa Nacional. Mas foi a melhor desculpa que encontramos para fazer o que fizemos, já que nós mesmos não tínhamos tanta certeza de quem éramos realmente, ou quem queríamos ser.

O evento estava para começar. O auditório, quase que completamente ocupado. Alguns cadetes mais antigos ainda entravam pelas portas laterais para assistirem à cerimônia de escolha, ansiosos para descobrirem quem seriam seus novos companheiros de arma. Podíamos observar como nossos instrutores estavam empolgados, talvez relembando o momento de suas escolhas, também ansiosos para virem se suas expectativas com relação a nossa turma se concretizariam como imaginavam, conforme a opinião que tinham de cada um de nós.

Mas nós mesmos não estávamos ansiosos, mas tranquilos. O problema já havia sido resolvido nos dias anteriores. Estávamos todos ali tão somente para cumprir o rito, conforme a tradição mandava. Sabíamos que as gerações anteriores à nossa ainda não estavam prontas para ver como mundo como ele passou a ser, com as novas tecnologias. Mas nós não éramos tão rígidos em nossas vontades. Entendíamos que as subjetividades envolvidas nessa decisão extrapolavam nossa capacidade de decidir. Tempos modernos exigiam soluções modernas, portanto...

Durante a semana anterior, tínhamos reunido o máximo de dados que havíamos conseguido encontrar sobre cada um dos integrantes da turma: características físicas, regiões de origem, graus obtidos em cada disciplina etc. Acrescentamos o número de vagas de cada curso, o perfil profissiográfico, as características das funções de combate da força terrestre e as características das guarnições sede das organizações militares. As características subjetivas de cada um, tais como valores, atitudes e outros aspectos da personalidade ficaram a cargo do “canga”, o companheiro mais próximo, para a inserção

das informações no sistema. Todos esses dados foram inseridos na última versão do *Chat GPT*, aquela versão atualizada com acesso às nossas redes sociais e, assim, acreditamos ter concluído de maneira satisfatória a interpretação dos aspectos subjetivos de cada um, com uma precisão maior do que nós mesmos seríamos capazes de fazer.

Pronto. Bastou solicitar que o *software* realizasse a distribuição da turma, com justiça, considerando todos esses aspectos subjetivos e objetivos, além de considerar a meritocracia, é claro, para garantir um equilíbrio entre os cursos.

Estávamos com a certeza da vitória e de uma escolha equilibrada, justa e favorável a todos, sem a necessidade do desgaste emocional, inerente àquela atividade. A cerimônia teve início, e o primeiro cadete foi chamado para fazer sua escolha. Ele se levanta e subiu as escadas, como todos nós iríamos fazer, seguindo o protocolo, apenas para dizer o que já tinha sido decidido pelas novas ferramentas tecnológicas que vieram para facilitar nossa vida e tornar as coisas mais justas e precisas. O cadete se posiciona na frente do microfone, tomou posição de sentido e anuncia “*sua escolha*”.

– Cadete Judas, do Curso de! – a sua fala foi seguida de completo alvoroço.

O caos parecia ter tomado conta da turma.

Ele havia mudado o que havia sido combinado, ou melhor, ajustado pelo *Chat GPT*. A prévia foi ignorada. Teoricamente, o impacto na escolha dos demais era irrelevante, motivo de preocupação somente para os últimos a realizar a escolha. O restante da turma poderia seguir o planejado. Mas, na prática, o impacto daquela iniciativa foi além das nossas expectativas frustradas. O comportamento do primeiro cadete repercutiu nos outros, despertando sentimentos individualistas e destruindo o coletivo. Os demais cadetes voltaram a imaginar outras possibilidades, a suspeitar do desconhecido, a buscar outras referências, a sonhar seus próprios sonhos. Estávamos cada um por si, novamente.

No fim, apesar de avançada tecnologia, nunca deixamos de ser humanos...

